Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844, de Karl Marx — Ficha de leitura

12.º Ano | Filosofia | 4 páginas | 12 exercícios

Competências que desenvolve: leitura integral da obra — os três cadernos, a alienação e o ser genérico, o dinheiro como mediador universal, o comunismo como superação e a crítica de Hegel, com confronto e produção (Aprendizagens Essenciais, Organizador «Trabalho sobre cada uma das obras»).

Revisão rápida — *Manuscritos de 1844*

- **Contexto e forma:** Paris, 1844 — *cadernos de trabalho* do jovem Marx, a ler os economistas clássicos; publicados só no séc. XX (1932), nunca revistos pelo autor.
- **Três cadernos:** I — salários, lucro e renda, e a descoberta da *alienação* · II — propriedade privada e comunismo · III — crítica da dialética de Hegel.
- **A alienação (quatro faces):** do produto, da atividade, da própria essência e do homem face ao homem.
- **O ser genérico:** a essência do homem é o trabalho livre e consciente — sob a propriedade privada, a vida vira mero meio de existência.
- **O dinheiro:** o mediador universal que converte o incomparável — o que a natureza separa, ele iguala; e o comunismo é a *superação positiva* da alienação — regresso do homem a uma existência social.

Exercícios

1. V/F: a) Os cadernos são de 1844, em Paris, e saíram apenas no séc. XX → __ b) O Primeiro Caderno analisa salários, lucro e renda → __ c) O comunismo dos *Manuscritos* é a superação positiva da propriedade privada → __ d) A crítica de Hegel está no Primeiro Caderno → __

2. Completa: a) os cadernos dividem-se em __ b) o Primeiro Caderno parte da __ (os economistas) c) a essência do homem é o __ d) o dinheiro converte o __ em equivalente.

3. Liga cada caderno ao conteúdo: I → ___ · II → ___ · III → ___ (opções: propriedade privada e comunismo · salários, lucro, renda e a alienação · crítica da dialética de Hegel).

4. Contexto: escreve 2 linhas sobre onde e quando os cadernos foram escritos, e porque é que só hoje os lemos.

© 2026 Estudantices

5. Reconstrói a cadeia da alienação: P1 (o que é o trabalho para o homem) __ P2 (o que a propriedade privada faz dele) __ C: logo o homem é estranhado de si.

6. Completa o mapa: a essência do homem é o __ livre e consciente · sob o estranhamento, a vida vira __ de existência · o produto confronta o produtor como __ · o dinheiro é o mediador __ que converte tudo.

7. Ordena o percurso dos cadernos (1–5): __ crítica da dialética de Hegel · __ leitura dos economistas · __ comunismo como superação positiva · __ análise dos salários, lucro e renda · __ descoberta da alienação

8. Análise (o dinheiro): *«Com o dinheiro, o que é incompatível se torna equivalente — ele confunde o que a natureza separa e realiza o que parecia impossível.»* a) Tese: __ b) O que a frase denuncia sobre a mediação: __

9. Confronto com o elenco: *Manuscritos* e o *Discurso da Dignidade* — ambos dizem que a essência humana não está dada: Pico por conquista, Marx por perda — comum (a vida faz-se na atividade livre) e divergência (escolha individual vs determinação social).

10. Erro de leitura: «Marx nega o trabalho — quer que ninguém trabalhe.» Corrige — o que ele critica e o que propõe em vez disso.

11. Produção: o dinheiro «converte o incomparável». Mostra, com um exemplo presente (o que se compra e o que não devia ser preço), o que a frase denuncia e o que se perde quando tudo é conversível — 5–6 linhas.

12. Esboço de ensaio: «O que torna um trabalho humano?» — tese com a obra (atividade livre), argumento da alienação, a objeção (quem escolhe o seu trabalho não se estranha), a resposta e uma aplicação.

© 2026 Estudantices

Soluções — Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844, de Karl Marx

1. a) V (cadernos de Paris, 1844; publicados em 1932) b) V c) V d) F (a crítica de Hegel ocupa o Terceiro Caderno).

2. a) três (ou: cadernos) b) economia política (os economistas clássicos) c) trabalho livre e consciente (a atividade genérica) d) incomparável (ou: tudo).

3. I → salários, lucro, renda e a alienação · II → propriedade privada e comunismo · III → crítica da dialética de Hegel.

4. (modelo) Escritos em Paris, em 1844, como cadernos de trabalho — Marx, exilado, a ler os economistas e a confrontá-los com a filosofia; só no século XX (1932) saíram da gaveta, porque o autor nunca os reviu — lemo-los como rascunho vivo de um pensamento em gestação.

5. P1: o trabalho é a essência do homem — a atividade livre e consciente pela qual o homem se realiza e produz a vida P2: sob a propriedade privada, esse trabalho é externo, forçado e alheio — o produto, a atividade e a própria vida confrontam-no como estranhos · C: logo o homem é estranhado de si — a sua vida é-lhe alheia.

6. trabalho (livre e consciente) · meio · alheio (ou: estranho) · universal.

7. ordem: 1 leitura dos economistas · 2 análise de salários, lucro e renda · 3 descoberta da alienação · 4 comunismo como superação · 5 crítica da dialética de Hegel.

8. a) tese: o dinheiro é a mediação que tudo iguala — o incomparável torna-se conversível b) denuncia que a mediação deixou de servir as coisas e passou a senhorear-se delas: o que não tinha preço ganha-o, e o que não devia trocar-se troca-se — o estranhamento generaliza-se até ao que é mais próprio do homem.

9. Comum: nos dois, a essência humana não é um dado — faz-se (ou desfaz-se) na atividade: para Pico, o homem ergue-se pelas artes e a escolha; para Marx, o homem realiza-se no trabalho livre e perde-o sob a propriedade privada. Divergência: em Pico a abertura é conquista individual (a liberdade decide); em Marx a essência é colectiva e determinada pelas relações de produção — não se escolhe sozinho o que se vive.

10. Erra: o que a obra critica é o trabalho *estranhado* — externo, forçado, alheio — não a atividade. O comunismo não suprime o trabalhar: supera as relações que fazem do trabalho um meio de sobrevivência — é o regresso do homem a uma atividade que lhe pertence. Da crítica ao sistema não se infere a negação do trabalho humano.

11. (modelo) Exemplo: o tempo — horas de vida convertidas em fatura, e a amizade medida em favores com preço. A frase denuncia que o dinheiro não media apenas objetos: media *relações*, e o que ele não pode avaliar (o cuidado, o gênio, o descanso) passa a valer só se for trocável. Perde-se o que era dom e vira mercadoria — e, no limite, deixa de valer quem o dá.

12. (modelo) Tese: trabalho é humano quando é atividade livre e consciente — realização, não meio. Argumento: a alienação — sob a propriedade privada, o produto é alheio, a atividade é forçada, a essência reduz-se à sobrevivência. Objeção: quem escolhe o seu trabalho não se estranha. Resposta: a escolha individual não muda as relações — o estranhamento não é de quem trabalha, mas do modo como o trabalho está organizado (o produto e a atividade fogem-lhe mesmo quando escolhe). Aplicação: quando um trabalho não se vê no resultado nem se reconhece nas condições, a essência — criar — fica suspensa.

© 2026 Estudantices